

## **A PRODUÇÃO E RESISTÊNCIA CAMPONESA NA COMUNIDADE TABOQUINHA - PORTO NACIONAL/TO**

Edinaura Rios Cunha<sup>1</sup>  
Atamis Antonio Foschiera<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O debate sobre a produção familiar no meio rural tem estado em voga a mais de um século. Alguns defendem que o mesmo tende a desaparecer, enquanto outros afirmam sua manutenção. Neste debate se destaca o que defende a nomenclatura de campesinato e os que defendem a agricultura familiar.

Shanin (1980) destaca que existem razões para se definir camponês, bem como para não o fazê-lo. Tal decisão não é inconsequente, pois vai refletir o entendimento sobre o pensamento teórico dos debatedores.

Em sua revisão teórica sobre o camponês, Shanin identifica várias perspectivas de entendimento sobre o mesmo: a) Camponês como mito: colocar no presente algo do passado sem adequá-lo à realidade; b) Generalização: características gerais identificadas em vários locais do mundo; c) Diferenciação: uns dizem que iria desaparecer e diferenciavam a forma que isso ocorria, outros destacavam diferentes formas de sua manutenção; d) Modo de produção: uns negam por falta de estrutura política econômica autossuficiente; outros afirmam ser um modo subordinado ou modo de produção específica; e) Camponeses e modos: sociedade passou por vários modos de produção e os camponeses se mantiveram. Foram influenciados e influenciaram esses modos de produção; f) camponês como moda: Entre 1920-1960 destaca-se o debate Moderno X Tradicional.

Como consideração final, Shanin (1980) destaca a continuidade de relevância do conceito de camponês considerando sua adequação no tempo e no espaço.

---

<sup>1</sup> Graduada e mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins- Campus de Porto Nacional-TO. Bolsista CAPES. E-mail: edinaurarios@hotmail.com

<sup>2</sup> Prof. Doutor da Graduação e Pós-graduação em Geografia na Universidade Federal do Tocantins- Campus de Porto Nacional. E-mail: foschieraa@mail.uft.edu.br

Os que defendem o termo agricultura familiar, que parece ser natural na atualidade, possui, na verdade, poucos anos de existência. Sua origem está ligada, principalmente, ao modelo produtivo desenvolvido nos Estados Unidos da América.

Autores estadunidenses diferenciavam o sistema de agricultura familiar (*family farm*)<sup>3</sup> do sistema de agricultura industrializada empresarial, destacando que o modo de agricultura familiar é o trabalho realizado pela família, diferentemente da agricultura industrializada empresarial, que é o trabalho assalariado.

*Nessa mesma perspectiva se manifesta Neves (2007, p. 217)*

A característica crítica que distingue um sistema de agricultura familiar da agricultura industrializada empresarial é o uso do trabalho familiar, em vez do trabalho assalariado. A unidade agrícola familiar difere significativamente da unidade agrícola capitalista pelo fato de que, qualquer que seja o seu grau de mecanização, a sua área de terras cultivadas ou renda, o insumo básico de trabalho da fazenda familiar provém dos membros da família.

O termo agricultura familiar passa a se destacar a partir da década de 1990, quando estudos passavam a mostrar que produtores familiares se adequaram à lógica capitalista de produção na agricultura. Agora não seriam mais um estorvo ao sistema, mas sim, adeptos e servidores dele.

A comunidade Taboquinha agrega produtores familiares dos municípios de Porto Nacional, Silvanópolis e Ipueiras, no estado do Tocantins, ao todo são 20 famílias. Parte dos moradores da comunidade formou a Associação dos Pequenos Agricultores da Região da Taboquinha – ASPART. Os dados que serão apresentados foram obtidos por meio de aplicação de questionários em 14 propriedades rurais e feitas entrevistas semiestruturadas com o primeiro presidente da ASPART, a presidente atual e um sócio da mesma. Também ocorreu a participação em um evento da associação. Como resultados destaca-se a não fixação de jovens na comunidade, a organização da associação, o envelhecimento dos moradores residentes, a produção voltada à subsistência e a centralidade da associação na integração comunitária.

O objetivo do artigo é mostrar a história de resistência e a produção camponesa na comunidade Taboquinha – Porto Nacional/TO. O mesmo é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido e aprovado em outubro de 2013.

<sup>3</sup> Cabe destacar, também, que agricultor familiar é tradução de *family farmer* do inglês estadunidense.

## **METODOLOGIA**

Metodologicamente o trabalho passou por um momento de busca de um referencial teórico para sustentação do objetivo do projeto de pesquisa proposto e, também, orientar na definição dos instrumentos de coleta de dados.

Em um segundo momento ocorreu várias visitas na comunidade em estudo para conhecer os sujeitos de pesquisa e sua organização social. Ao total foram quatro visitas na comunidade, envolvendo momentos individualizado ou coletivo com os moradores. Foram aplicados questionários com sujeitos de 14 propriedades rurais e feito entrevistas semiestruturadas com três deles, dois por terem sido presidentes da associação e um que não exerceu atividade na direção da associação.

Para o levantamento de dados contou-se com o apoio dos alunos da disciplina Estágio de Campo I, durante aulas de campo da referida disciplina. Posteriormente, ocorreu visitas apenas com a pesquisadora para as entrevistas semiestruturada.

## **BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE TABOQUINHA**

A Comunidade Taboquinha engloba 20 famílias, dessas vinte, seis obtiveram a propriedade através de herança.

Grande parte dessas propriedades residem apenas duas pessoas (casais), uma das propriedades que moram mais que o casal se faz presente algum filho ou filha. Em duas se encontram, parentes, como, pais, netos ou primos/primas.

A média de idade dos homens e das mulheres da comunidade está entre 62,3 anos e 59 anos, respectivamente. Fato este bastante preocupante em relação ao futuro da comunidade, pois muitos deles relataram que os filhos não pretendem retornar e dá continuidade, restando-lhe como única alternativa a venda das terras e a migração para a área urbana onde grande parte deles possuem residência fixa.

Em relação à produção, foi considerado o que visa apenas o consumo familiar e o que é disponibilizado para a venda. O milho e o arroz foram encontrados em dez comunidades tem a finalidade de consumo familiar. Já o feijão e a mandioca têm a finalidade de consumo e venda.

Tendo como referência a criação de animais, estes tem a finalidade de consumo da família e/ou venda. Todas as famílias entrevistadas criam galinha, sendo que oito as tem apenas para o consumo próprio e seis delas as criam para a venda. A criação de gado ocorre em 11 propriedades, sendo que dessas, em oito é para o consumo próprio e venda, uma apenas para o consumo e duas apenas os cria para a venda.

Os problemas que as famílias mais destacaram no questionário foi à falta de água no período de seca, erosão no solo, más condições de acesso de algumas estradas e a falta de maquinários agrícolas. Outra situação destacada foi que, às vezes, quando conseguem o apoio da prefeitura com máquinas agrícolas, o período ideal para o plantio já tenha sido ultrapassado, resultando que os agricultores acabam ficando sem plantar.

## **A ASSOCIAÇÃO DOS PEQUENOS AGRICULTORES DA REGIÃO DA TABOQUINHA – ASPART**

Os pequenos agricultores da região Taboquinha sentiram a necessidade de criar uma associação onde nela poderiam somar forças para conseguirem melhorias.

A ASPART, foi fundada em 24/03/1991. A associação possui 26 sócios. A sua sede se encontra em construção e, atualmente, possui um galpão<sup>4</sup> onde são realizadas as reuniões.

Nos primeiros anos, a associação teve suas ações ligadas à produção coletiva em áreas de terras cedidas por alguns de seus sócios. Essa área era cedida durante alguns anos consecutivos e o tamanho da mesma era o doador que decidia. Vencido o prazo, ficava em aberto para que outro sócio se manifestasse doando uma área em sua propriedade. Em dez anos de atividade essa produção coletiva ocorreu em cinco propriedades, destacando-se o plantio de arroz e mandioca.

No ano de 1999 retomou-se a plantação coletiva de arroz na propriedade de um dos sócios sendo que, do produto colhido, 50% (cinquenta por cento) foi dividido com os sócios e a outra metade foi armazenado na propriedade de um dos associados para servir como semente para o próximo plantio e para pagar as despesas como aluguel de maquinários e a compra de insumos agrícolas.

Em setembro de 2009, a ASPART adquiriu terreno de cinco hectares, tendo, a partir de então, uma área própria para a produção coletiva.

<sup>4</sup> Conforme denominação dos associados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma diferenciação parcial entre os trabalhos realizados por mulheres e homens na comunidade Taboquinha, as mulheres tendem a exercer atividades domésticas, de processamento de produtos naturais e derivados de leite e cuidados com horta e pequenos animais. Já os homens se detêm em atividades mais de cunho agropecuário.

A produção agrícola e de pequenos animais (galinha e porco) está voltada à subsistência familiar, sendo que a sua venda serve como renda complementar, não ocorrendo sistematicamente. Já a criação de gado, apesar de fornecer carne e leite para o consumo, tem como finalidade principal a venda. A criação de gado, além de contribuir para a economia familiar, serve, também, como uma reserva econômica para situações atípicas que necessitam de dinheiro, como em caso de problemas de saúde, construção de alguma obra, etc.

Os moradores da comunidade se encaixam no conceito de camponês. Isso se dá tanto pelo viés econômico, pela predominância da produção de subsistência, como pelo viés ideológico, no qual se destacam: a autonomia em relação ao mercado, o culto à produção natural (método tradicional de produção, conservação do meio ambiente, etc.), o enfrentamento à expansão do agronegócio, etc.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar: quantos ancoradouros! In: FERNADES, Bernardo Mançano; MARQUES, Marta Inez Medeiros; SUZUKI, Júlio César. **Geografia agrária: teoria e poder**. Ed.: Expressão popular. São Paulo- SP. 2007. Pág. 211-270.

SHANIN, Teodor. **A definição de camponês: conceituações e desconceituações**. IN: Estudos CEBRAP 26. São Paulo- Petrópolis: vozes, pág. 42-80. 1980.

VIEIRA, Flávia Braga. **Dos proletários unidos à globalização da esperança: um estudo sobre internacionalismos e a Via Camponesa**. São Paulo: Alameda, 2011.